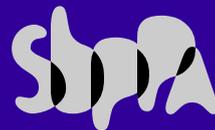


Jornal da

SOCIEDADE BRASILEIRA DE  
PSICANÁLISE  
DE PORTO ALEGRE



# Brasileira

# ABERTURAS

# Editorial



## ABERTURAS

Estamos, com esse Jornal, inaugurando uma publicação *on-line* inédita na SBPdePA. Motivados pelo isolamento social decorrente da pandemia e instigados pela necessidade de expressão diante de tantas mudanças,

emoções e perdas em nossas vidas, a criação dessa via de comunicação tornou-se imperativa.

O nome escolhido para essa edição foi ABERTURAS. Esta palavra representa os mais variados movimentos que nos rodeiam nesse momento e que nos estimulam a continuar, dentro do possível, com nossas atividades profissionais, familiares e de amizade. Fomos compelidos a nos abrir para novas formas de comunicação e comportamento. Passaram-se pouco mais de dois meses, mas parece um ano, e várias coisas mudaram. Muitos psicanalistas introduziram, no seu vocabulário, termos pouco usados antes no seu dia a dia como *lives*, remoto, plataforma, ferramenta, tutorial, etc. que hoje muito estão nos auxiliando para excelentes trocas interpessoais.

Estamos todos contaminados: emocionalmente, culturalmente, economicamente e, também, fisicamente. As marcas que 2020 deixará em nós serão certamente indelévels, em vários sentidos. Abrimo-nos, também, para uma melhor escuta, maior ajuda e calorosa generosidade e solidariedade.

Freud, em 1900, salientou que, durante o sono, nosso aparelho motor fica paralisado, inibido, escoando a realização de nossos desejos para a formação de sonhos. Hoje, vivemos algo parecido, pois impedidos de nos movimentar pelas ruas, correr, jogar, usamos mais outras funções como sonhar, pensar, criar e escrever.

A prova dessa capacidade humana de se reinventar está a seguir, nas páginas desse Jornal. Contamos com as palavras da nossa Presidente Ane Marlise Port Rodrigues, com notícias de vários departamentos da Brasileira e ricas contribuições de colegas psicanalistas e profissionais da Filosofia e da Epidemiologia.

Agradecemos a todos que colaboraram para a elaboração desse número, registrando suas ideias e depoimentos e, em especial, a dedicação de Micaela Wünsch, Clarice da Luz Rodrigues, Susana Magalhães Beck e Roberto Ossig de Vasconcelos.

**Rosa Beatriz Santoro Squeff**  
Editora

Jornal da  
**Brasileira**

### EXPEDIENTE

**Editora:**

Rosa Beatriz Santoro Squeff

**Conselho Editorial:**

Roberto Ossig de Vasconcelos

Susana Magalhães Beck

**Revisão de português:**

Débora Jael Rodrigues

**Diagramação:**

Micaela Wünsch

**Bibliotecária:**

Clarice da Luz Rodrigues

**Secretária:**

Daniela Bonn

### DIRETORIA

**Presidente:**

Ane Marlise Port Rodrigues

**Secretário:**

Lores Pedro Meller

**Tesoureira:**

Silvia Stifelman Katz

**Diretora Científica:**

Christiane Vecchi da Paixão

**Diretora de Comunicação:**

Rosa Beatriz Santoro Squeff

**Diretora de Relações com a Comunidade:**

Caroline Milman

**Diretora do Centro de Atendimento****Psicanalítico (CAP):**

Astrid E. Müller Ribeiro

**Diretora de Divulgação:**

Tamara Barcellos Jansen Ferreira

### INSTITUTO DE PSICANÁLISE

**Diretora:**

Silvia Skowronsky

**Secretária:**

Lísia Leite

**Coordenadora da Comissão de Seminários:**

Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld

**Coordenadora da Comissão de Formação:**

Laura Ward da Rosa

**Comissão da Infância e Adolescência:**

Aline Pinto da Silva

**Associação de Membros do Instituto:**

Thércio Andreatta Brasil

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.

Praça dr. Maurício Cardoso, 07

CEP 90570-010 Porto Alegre – RS – BRASIL

Tel./Fax 55 51 3330-3845 – 3333-6857

[www.sbpdepa.org.br](http://www.sbpdepa.org.br)

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.



## Palavras da presidente

***Ane Marlise Port Rodrigues***

Presidente da SBPdePA - Gestão 2020-2021

Esta edição extraordinária de nosso Jornal se dá em tempos extraordinários, tempos fora de nosso imaginário e atravessados pelo real.

Jamais imaginamos ter de fechar nossa sede por tempo indeterminado, ter de enfrentar sérios riscos à saúde de todos, acrescidos por problemas econômicos generalizados. Nosso Brasil enfrenta ao mesmo tempo uma crise sem precedentes, abrangendo as áreas da saúde, da economia e da política.

Abruptamente, tivemos de nos instrumentar com recursos tecnológicos e atender online. Nossa equipe de secretaria passa a trabalhar em *home office*.

A pandemia do coronavírus veio inesperada e rápida, trazendo angústia, incertezas e falta de respostas tranquilizadoras a curto e médio prazos. O medo e o desamparo frente à finitude e à morte mostraram duramente a sua face.

A crise desencadeada por algo tão pequeno e invisível nos tirou de nossas certezas e posições de domínio. Também revelou a fragilidade e a força das estruturas psíquicas, sociais e econômicas, tanto em nível individual quanto grupal.

A aceleração do uso dos recursos tecnológicos também se impôs à nossa Brasileira, sendo necessário contratar um técnico e viabilizar o uso de plataformas para reuniões e atividades científicas. Agradecemos aos nossos associados que viabilizaram atividades de seminários ou grupais em plataformas gratuitas ou de sua responsabilidade.

Nos congratulamos com o Instituto pelo êxito e eficiência ao lidar com o desafio dos seminários virtuais: dos 21 seminários que haviam sido organizados para o primeiro semestre de 2020, 17 puderam seguir online.

Também a maioria dos Membros do Instituto aderiu ao novo formato. Essa junção de forças da Direção do Instituto com os coordenadores de seminários, a AMI e os Membros do Instituto é uma fundamental faceta de nossa vitalidade e desejo de transmissão da psicanálise, sendo motivo de enorme satisfação e orgulho.

As atividades científicas foram retomadas com presteza e garra, mesmo em face do luto por toda a bela programação já organizada e que ficaria impedida. A Jornada do Núcleo de Vínculos e do Núcleo da Infância e Adolescência, os Seminários Abertos e demais encontros foram todos suspensos. Os grupos de estudo também sofreram o impacto da pandemia, com adiamento de vários para a reabertura da sede.

A Comissão de Relações com a Comunidade inovou com o "Fora da Casa", um *Happy Hour* descontraído com um convidado especial de outras áreas da cultura, tendo como primeiro convidado José Victor Castiel. As Comissões de Divulgação e de Publicações funcionaram a pleno vapor para dar conta das novas exigências de comunicação.

O isolamento social torna-se estratégia de controle da disseminação do vírus e impõe aos analistas o atendimento online para a manutenção dos tratamentos de seus pacientes. Uma inovação diz respeito ao atendimento de crianças de forma virtual, o qual tem sido possível e fonte de novas reflexões em torno da técnica.

Ao mesmo tempo, a solidariedade, a criatividade e as manifestações artísticas florescem em todos lugares, trazendo força e amparo a todos.

Nossa Sociedade engajou-se em dois projetos sociais: 1) Escuta Solidária: juntamente com 14 instituições psi de Porto Alegre, trata-se de atendimentos

breves, por telefone, para situações de angústia aguda, coordenado pela Diretoria de Relações com a Comunidade; 2) Atendimento Solidário: 12 sessões gratuitas *on-line*, com analistas e supervisores voluntários da SBPdePA, coordenado pela Diretoria do CAP em parceria com a Diretoria de Relações com a Comunidade. Nosso projeto solidário alcançou grande adesão de nossos membros e elevado número de pessoas procurando uma escuta analítica para seus sofrimentos. Certamente, a área de psicanálise ampliada ou clínica extensa vai ganhando corpo em nossa Instituição, mostrando também a vocação social da psicanálise. A todos os colegas envolvidos nas várias frentes de nossa Sociedade, aos Diretores que compõem essa gestão, nosso agradecimento por trabalharem por uma Brasileira muito viva e vibrante, em tempos difíceis mas que abrem caminho às inovações e desenvolvimentos necessários.

Freud descreve que o ser humano frente a um perigo e ameaças, para tranquilizar-se, recorre às suas visões de mundo e às suas ilusões sobre o que poderá salvá-lo. Pode valer-se do pensamento mágico, religi-

oso ou científico. Quando pergunta se a ciência também é uma ilusão, responde que não e que é a ciência o que mais se aproxima da realidade. Certamente, a ciência vem sendo convocada mundialmente a nos fornecer parâmetros e respostas a esse estado de não saber. Ainda que observemos pessoas e até mesmo autoridades que se apegam ao pensamento mágico ou religioso. Até mesmo cientistas são contaminados por suas crenças e seus vieses ideológico-políticos, sendo uma dificuldade nos situarmos entre inúmeros discursos pretensamente científicos.

É com grande alegria que recebemos notícias de colegas que recuperaram seu estado de saúde após adoecimento provocado pelo vírus. Que continuemos bem e nos nutrindo de nossas trocas afetivas e científicas para atravessarmos esse estranho e difícil momento! Mesmo que tomados de saudades de nossa bela sede, aproveitemos para, de mãos dadas, abraçar a Brasileira, que segue em novos e criativos modos de ser!

Que todos sigam bem!

Até mais!



## Notícias do Núcleo de Vínculos

**Rosa Avritchir**

Membro Associado da SBPdePA e Coordenadora do Núcleo de Vínculos

O Núcleo de Vínculos vem mantendo suas reuniões todas as segundas-feiras, das 13h45 às 15h.

Iniciamos o ano com uma ambiciosa proposta de realizar uma Jornada, no segundo semestre de 2020, nos dias 21 e 22 de agosto. O título seria "O inapreensível do outro na Psicanálise Vincular". Convidamos como palestrantes Julio Moreno e Janine Puget. Porém, em função do momento, foi preciso mudar os planos. Vamos adiar para um futuro próximo, mas ainda sem data.

O grupo continua seus encontros *on-line*, o que tem sido de suma importância, pois encontramos um espaço para trocar experiências e tentar elaborar essa situação tão nova e imprevisível que todos estamos vivendo.

Os textos que estamos trabalhando são: Mundos Superpuestos hoy e A Subjetividade da Incerteza, de Janine Puget, e Conexión y Asociación, de Julio Moreno. Estas leituras estão nos auxiliando a compreender melhor o inapreensível do contexto atual.

A coordenação está sendo facilitada pelo suporte dos meus queridos colegas e amigos.

Obrigada.

# Diretoria Científica

## **Christiane Paixão**

Membro Titular da SBPdePA e Diretora Científica

*Compositor de destinos  
Tambor de todos os ritmos  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
(música Oração ao tempo)*



Iniciamos o ano de 2020 com muita expectativa e entusiasmo para desenvolver atividades que atendessem aos interesses dos colegas. Os meses de janeiro e fevereiro foram de intenso trabalho, e entramos em março com o mural repleto de atividades programadas. Enquanto isso, a pandemia já estava no horizonte das nossas vidas, anunciando sua chegada por meio de notícias de jornais, relatos de amigos, mas, mesmo assim, não conseguíamos avaliar o impacto que traria ao interromper os planos de cada um de nós. Aos poucos, e não sem relutância, fomos suspendendo as atividades, mas mantendo a expectativa de que sejam realizadas em uma nova data.

Podemos dizer que algo nunca vivido não pode ser lembrado. Na falta da angústia sinal, não tínhamos coordenadas para avaliar o impacto. Agora sabemos que vamos precisar de tempo para dar sentido ao vi-

vido, criando uma temporalidade, um antes e um depois, gestando um futuro.

Assim, fomos incitados a criar outras formas de encontros. Nasceu o projeto das Rodas de Conversa *online* para que juntos possamos ir processando os acontecimentos. Serão três encontros: no primeiro, falaremos sobre o processamento do trauma; no segundo, sobre mudanças no *setting* da análise; e, no último, sobre o que esperar na Psicanálise e no mundo a partir de 2020.

Aproveitamos para informar que começamos a projetar a Jornada Científica de 2021 com data prevista para 28 e 29 de maio.

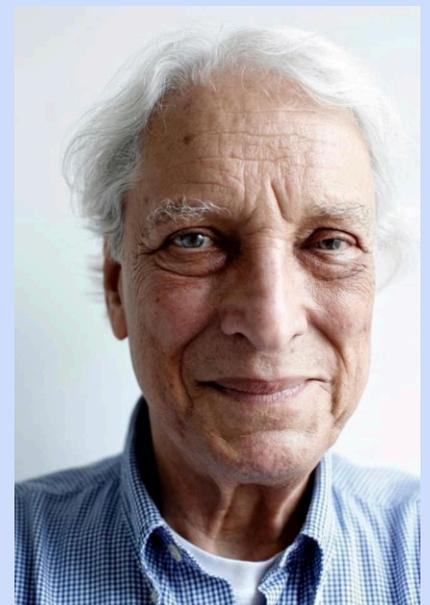
Um forte abraço!

**Comissão Científica** – Kellen G. Anchieta, Magda B. Walz, Rafaela Degani e Renata Manica

# Homenagem

Fomos surpreendidos no último 16 de abril pela morte de Luiz Alfredo Garcia-Roza, no Rio de Janeiro, aos 84 anos. Garcia-Roza foi professor do Instituto de Psicologia da UFRJ, onde criou o programa de pós-graduação em teoria psicanalítica, o primeiro do gênero no Brasil. Depois de muitos anos dedicados à psicanálise, emprestou seu talento e conhecimento da alma humana à literatura e ressurgiu no inesquecível delegado Espinoza.

Para muitos de nós, foi o professor Garcia-Roza, que esteve muitas vezes em Porto Alegre e deixou boas lembranças pelos encontros cheios de vida e de entusiasmo pela psicanálise. Com uma mente instigante e curiosa, deixa inúmeras obras que introduzem o leitor à metapsicologia e o convidam a “frequentar a cozinha da bruxa”. Nosso muito obrigado!





## “E... DAÍ?!” (?!?)

**Júlio Bernardes**

Filósofo

Ao meu amigo Marco Aurélio Rosa Pestes, terremotos, maremotos, furacões, secas, inundações, guerras intermináveis, enfim, catástrofes de toda ordem sempre compuseram a experiência humana. Os textos da tradição religiosa judaico-cristã são basicamente um recorte mítico-poético da experiência humana atravessada pela dor, pelo sofrimento e pelo Mal. O modo como se lidou com esses eventos, sejam eles naturais ou humanos, foi, e é, profundamente determinado por visões de mundo, formas e aparelhos culturais que permitiam atribuir um sentido ao sofrimento contido e reservado aos homens. No mundo medieval da cristandade ocidental, a produção de sentido para aplacar a angústia se confundia com os mecanismos de controle social por parte da Igreja.

Essa conservação de poder se fazia por duas vias discursivas: ora por meio da escatologia das narrativas místicas destinadas aos leigos, ao povo, ao chamado 'mundo profano', com uma profusão de lendas que não mediam fronteiras com a iconografia bárbara ou pagã, inclusive assimilando-as e dotando-as de sentido cristão; ora pela produção primorosa de argumentos teológico-filosóficos, desde Agostinho até Aquino, passando por Abelardo e outros sofisticados pensadores,

nos quais e por meio dos quais se elaborava e se debatia a questão do Mal e suas relações com a Perfeição Divina e a saga humana impetrada pelo pecado original.

De qualquer modo, duas formas muito distintas de produção de sentido foram estabelecidas com finalidades similares e complementares para o controle político e manutenção do poder eclesiástico a partir da determinação e formação de um tipo de subjetividade que, ao se moldar, adequa-se a esses valores. No primeiro caso, das narrativas destinadas ao povo, a sua maleabilidade na absorção, na contenção e adequação semântica de elementos e teses exógenos à cristandade era tal que, em alguns casos, a imperícia de uns, no afã da catequese de populações inteiras, levou-os, pelo pecado do exagero semântico, à fogueira. O interessante é que as formas discursivas maleáveis a partir dos atos de fala perlocutórios – cujo objetivo era o domínio por parte da cristandade, ou melhor, da Civitas Dei, sobre as demais culturas – necessitavam de instrumentos cada vez mais sofisticados, entretanto, mais distantes daqueles que imperavam nos debates eruditos das questões disputadas nos Mosteiros ou mesmo nos Concílios Papais. Esses instrumentos de narrativa de dominação se perfaziam de atos

e falas cada vez mais próximos daquilo que conformava a tradição oral da criação mítico-poética pagã, da qual a Igreja Católica insistentemente pretendia divorciar-se por entender, desde Constantino, que o controle da informação passa pelo controle da hermenêutica com intuito de univocidade semântica. Em outras palavras: informação é poder; ter o poder é ter o controle institucional por conferência de autoridade a quem interpreta; em resumo, ter o controle sobre aqueles que constroem o sentido da narrativa oficial a partir da interpretação dos textos sagrados e dos textos pagãos, como era o caso da filosofia grega que constava em boa parte no Index do Santo Ofício. Foi tal o exercício e engenhosidade por parte da Igreja no artifício da criação de mecanismos para a 'formatação' de subjetividades que a origem da língua alemã, tal como a conhecemos, foi obra de frades que necessitavam catequizar os germanos e visigodos e, para isso, deram uma estrutura sintática e adornos semânticos, por meio de um longo e delicado processo construtivo, àquela fala bárbara.

Mas, deve estar, e com justa razão, perguntando-se o leitor: o que isso tem a ver com a atual pandemia? Com o atual quadro de enfrentamento da COVID-19? O que a experiência humana passada tem a nos ensinar

para que possamos refletir e enfrentar isso? Ora, sem mais nem menos: tudo! Temos um evento natural de proporções bíblicas que – embora muito menos agressivo do que a gripe de 1918 – nos leva a uma guerra de versões sem precedentes, mesmo se compararmos com o quadro de disputa da Guerra Fria. E essa guerra de narrativas invariavelmente tem como objeto de disputa a subjetividade dos indivíduos e a construção de novas formas de representação do poder e, portanto, de 'si-mesmos' que se opõe, em muitos casos, àquilo que a modernidade trouxe e fundou como República Democrática Liberal e a subjetividade que lhe é correlata.

Vivemos em um mundo hipertecnológico em que a dinâmica dos fatos sociais deve ser pensada cada vez mais pelas Leis da Dinâmica de Fluidos, tais são os seus instrumentos de volatilidade semântica e subjetiva, do que pelas fórmulas que atendiam à era da indústria e o seu conflito primitivo de classes. O atual estágio da sociedade de consumo e de produção em massa nos leva a, cada vez mais, a sectarização das formas de vida em protótipos pré-concebidos em laboratórios em que as técnicas das ciências sociais já são requeridas para a identificação de tendências de comportamento de grupos e a formação de arquétipos, de estereótipos que precisarão ser vestidos, alimentados, transportados, educados quando ganharem vida objetiva, não propriamente como atores sociais, mas como consumidores plurais e heterogêneos nos diferentes segmentos de mercado.

Essa atual fase do capitalismo estendeu a noção de produto ao *self* e à materialidade subjetiva do Desejo. Não nos esqueçamos de que desde Sócrates, no Fédon de Platão, o Desejo e o Amor são os carros-chefes, os meios, os *drives* para a construção de nossa identidade, daquilo com o qual nos identificamos. Portanto, são causas do processo de subjetivação e que, inclusive, as 'doenças' e os sofrimentos da alma (*Psykhé*) são correlatos às formas e meios de nossas subjetivações. Se, por um lado, há criação profusa de formas estereotipadas de subjetividades, como produtos a serem consumidos a partir das estantes virtuais da indústria cultural, como é o caso dos 36 tipos de gêneros atualmente catalogados pela Cidade de Nova York; de outro, há um desolamento no que toca à matéria própria do Desejo que é a Identidade por Singularidade. O preço a pagar pelo excesso de industrialização da subjetividade contemporânea é a percepção dolorosa de perda de autenticidade, de Singularidade, de genuinidade, tão prometidas por um sistema de propagandas enganosas que catequizam novos atores em consumidores do próprio *self*. Esse processo fragiliza a subjetividade contemporânea em formas cada vez mais distantes das velhas formas sólidas e tradicionais de subjetivação. Não somente afasta como também torna os sujeitos, em sua subjetividade, mais permeáveis a esses processos acompanhados, por vezes, de um sentimento de estranhamento ou de ausência

de sentido por falta de originalidade e excesso de 'fetichização'. Ou seja, a mercadoria Autenticidade não é entregue à subjetividade dela cada vez mais faminta. Esse desejo paradoxal de conjugar a autenticidade com o prazer do consumo em massa leva à 'desolação', no sentido de estar deslocado de si, sem lugar para si, sem referências de si.

Nesse sentido, o processo de subjetivação do capitalismo atual, como ideologia que transforma atores sociais, retirando-os de suas formas sociais consagradas e jogando-os aos templos de consumo ordinários como consumidores, faz com que os sujeitos persigam a consolidação de suas identidades, repetindo, em intervalos cada vez menores, a ação desmedida de consumo. É interessante observar que, há pouco tempo, a indústria da moda tinha quatro coleções que coincidiam com as quatro estações do ano; hoje, a Zara, um dos expoentes do Fast Fashion, tem 52 coleções ao ano.

Uma peste ou, em termos mais científicos, uma pandemia como a COVID-19 impacta profundamente esse narcisismo; não somente porque põe à debacle a economia e as matrizes produtivas que satisfazem o hiperconsumo hedonista, mas porque também constrange os indivíduos a olharem para si mesmos, cada qual como um ente que carece de algo que o sistema de subjetivação contemporâneo com suas narrativas superdimensionadas pela constante apologia à tecnologia e ao progresso não é capaz de lhes assegurar e, portanto, de lhes satisfazer.

Se hoje uma grande parte das pessoas se recolhe às suas casas por entender – seja por motivos de dever moral ou por um cálculo utilitário – que essa é a melhor maneira de proteger a si e aos outros e ao sistema de saúde como um todo, enfrentando um desconforto pouco afeito ao contexto de uma vida hiperdinâmica, de outro, existe cada vez mais um número muito expressivo de pessoas mais afeitas a um discurso negacionista da pandemia devido a uma grande inconformidade consigo e com a possibilidade da 'falta' e com a fragilidade de um sistema social que não é capaz de enfrentar a Morte. Essa negação, na verdade uma tentativa de proteção do *self* muito débil, manifesta-se pela adesão a atitudes visivelmente iconoclastas e antissociais contra os ritos e tabus mais sólidos e fundantes de qualquer sociabilidade possível e, portanto, à violência.

Não só no Brasil, mas no mundo, cresce a adesão, por parte de subjetividades tão debilitadas por processos de subjetivação em massa do capitalismo contemporâneo, a discursos que prometem, enfim, o retorno à segurança da autenticidade garantida pelas formas sociais sólidas e tradicionais como a família, a pátria e a religião. Essas subjetividades debilitadas, de um narcisismo quase estéril que se recusa a qualquer criação, são tomadas de um profundo ressentimento que necessita tanto de um objeto para projetar o 'si-mesmo' e ser o veículo do seu ódio ao fracasso e à falta, como do objeto passivo sobre o qual despejará todo o conteúdo ressentido. Ambos são idealizações que se comportam em um sistema binário

(por uso de uma figura da astrofísica) em que as marés gravitacionais os tornam interdependentes. E nesse sentido, segundo essas perspectivas, a Autenticidade perseguida, que requer a solidez da unidade, do uno, do indivisível, da ausência de diferença, o que, de certa forma, o capitalismo de consumo de massas ensejou como uma de suas causas eficientes na construção de tais subjetividades, não lhes é alcançável, lhes falta. Portanto, a liderança, o líder que emerge desse desejo insatisfeito, dessa subjetividade ressentida, apresenta-se como o *antiestablishment*, como alguém que, apesar de se valer como poucos dos ardis da velha máquina de propaganda da indústria cultural, verte sua ira contra os seus modos mais comuns como a imprensa, a indústria dos costumes e da moda e a pluralidade e diversidade a elas inerentes, muito mais como forma de suscitar a adesão por meio da promessa da volta à unidade e à tão apaziguadora indiferença, do que como forma de crítica realmente apoiada em valores sinceros. O cinismo retorna para dar uma satisfação diante da emergência da natureza e da morte, a psiques tão depauperadas, e o faz lançando mão de velhas estratégias discursivas, agora, postadas em meios de comunicação em massa hipertecnológicos que atingem diretamente a cada indivíduo em uma velocidade e proporção nunca dantes vistas.

Negar a ciência, negar a eficácia das leis da natureza, reivindicar poderes místicos para si, como fazem certas lideranças políticas e chefes de Estado, são artifícios de um jo-

go de linguagem – que reporta em parte aquele destinado ao povo medieval – para consolidar um processo de idealização por meio do qual se busca criar e instituir uma nova forma de subjetividade que é capaz de zombar da morte e de doentes em hospitais, de agredir enfermeiras, de ameaçar e espancar jornalistas e opositores e reivindicar para si o privilégio da ação violenta como ação justa.

O que está sendo negado nesse processo político é a perspectiva da morte como um limite civilizatório que se abre para a vida; e, para negá-la, faz-se homenagem a toda e qualquer forma de destruição como uma verdadeira reverência à morte como ação final e dissolutiva, mas profundamente necessária a essa forma de política – e justamente nisso consiste a perversão. Não nos esqueçamos de que, mesmo na barbárie das guerras de trincheiras de 1918, não se disparava contra os médicos de campo e nos enfermeiros e que era considerado ultrajante o ataque aos hospitais. Lembrando Antígona: sempre foi universalmente considerado um ato infame a profanação e violação dos ritos da morte, de tal sorte que, apesar do ódio mútuo entre policiais e traficantes no Rio, a Tebas brasileira, nunca se viu, de parte a parte, qualquer atentado, ação violenta ou prisão em velórios ou em meio aos ritos fúnebres. Hoje assistimos a cidadãos comuns irem ao enterro de uma menina baleada por forças de segurança no Rio para debochar da dor dos seus familiares, a cidadãos comuns em uma dança zombeteira,

com um caixão aos ombros, à dor de milhares de famílias vitimadas pela COVID-19, e a um Chefe de Estado, que ao ser informado do grande número de falecidos pela pandemia, expressa, com o escárnio que lhe é característico: 'E daí?!'

Para encerrar esse ensaio, que não é de forma alguma um artigo filosófico – longe disso; falta-lhe todo o necessário rigor –, mas o resultado de algumas leituras recentes, de fatos avistados da janela da quarentena e de tédio misturado à tristeza e ao espanto com a cena atual, gostaria de mencionar o maravilhoso artigo de Vladimir Safatle, recentemente publicado no El País, intitulado *Preparar-se para a guerra*. Nele, o autor faz uma análise refinada sobre o atual contexto de metamorfose de subjetividades realizada por aqueles que saúdam a morte como ação política, utilizando como instrumento de análise uma velha tese que se encontra e estrutura o texto de Freud, *Moisés e o Monoteísmo*. A tese freudiana é que o líder, no caso Moisés, é aquele que criou o povo de Israel, o povo judeu, uma vez que ele foi determinante, como causa eficiente e mesmo final, para essa nova identidade e subjetividade.

Se de um lado temos o herói fundador como aquela boa consciência que se reconcilia com as formas institucionais e morais que fundou e agora cultiva, de outro temos a figura da Má Consciência, muito bem descrita por Hegel em sua Fenomenologia, que não pode, em nome do processo que lhe dá Identidade e Personalidade – a ação violenta e criativa – reconciliar-se com a estabilidade ne-

cessária às instituições e à vida ética e, portanto, com a recusa à violência que persiste agora como destruição rumo a processos de 'aplainamento' de singularidades e diferenças, em direção a uma forma de Estado-Sociedade que Arendt denominou tão bem de totalitarismo e que Christopher Bollas definiu, quanto à subjetividade e ao *self*, por mente fascista ou estado mental fascista.

As pragas, as pestes, o sofrimento – hoje representados no nosso assombro pela atual pandemia – podem ser momentos de uma re-fundação dos pactos civilizatórios e da contenção e moderação da sempre presente força narcísica e da constituição de uma subjetividade em torno da vida; ou pode ser, como parece ser o caso do Brasil e de outras nações, o momento da afirmação da lógica do ressentimento, da ilusão narcísica e da saudação do Mal e da morte como ação (anti) política.

Isso, segundo Freud, Hegel e Safatle, dependerá do artífice do momento, aquele que, num determinado contexto histórico muito específico, confecciona – sempre em um jogo dialético de transferências e idealizações – as novas subjetividades. Ou seja, atualmente, nessa 'guerra' de narrativas e disputas de projetos e valores, a pandemia, por si, não trará nada de novo; tudo dependerá de qual ou quais narrativas irão se consolidar nesse campo de disputas e das novas subjetividades que a política, como um jogo essencialmente de linguagem, pode trazer e firmar.

No mais, a humanidade segue como sempre seguiu até aqui... Um devir de cataclismos de todas as ordens: pestes, pragas, furacões, guerras... E de narrativas e visões de mundo que se enfrentam. Enfim, um jogo entre Eros e Thanatos.

Em Porto Alegre, na quarentena da COVID-19, abril de 2020.



## Diretoria de Divulgação

**Tamara Barcellos Jansen Ferreira**

Membro Associado da SBPdePA e Diretora de Divulgação

Em dezembro de 2019, tomou posse a nova diretoria da SBPdePA gestão 2020/2021, e com ela constituiu-se a primeira Diretoria de Divulgação. Foi formada, então, uma comissão constituída com a colaboração das colegas Aline Silva, Fabiana Grass, Juliana Lang Lima e Nora Helena Steffen.

Dentre nossos objetivos principais, estava repensar o modo como a nossa Instituição é apresentada nas diferentes mídias eletrônicas que utiliza.

Os principais questionamentos foram em relação à própria Instituição – quem é a Brasileira? Quais são suas características diferenciais e o que deveria comunicar na qualidade de Instituição? Reflexões a serem feitas junto à Diretoria e à Sociedade como um todo.

A partir destes esclarecimentos, buscamos direcionar da melhor forma a comunicação das ações e eventos da nossa sociedade, para que possamos atingir nossos reais objetivos chegando ao público-alvo que desejamos.

Imaginamos que assim poderemos chegar ao questionamento principal – qual é a identidade da Brasileira? – para podermos definir sua melhor representação estética, a qual inclui logotipo, *design* dos nossos anúncios, imagens nas redes sociais e no *site*.

Dentro deste cenário, iniciamos 2020 com uma pungente programação científica e de eventos programados a divulgar. No entanto, fomos surpreendidos com a pandemia COVID-19 e toda a sua drástica repercussão na vida de todos nós. Tudo precisou mudar de rumo.

As atividades previstas e já divulgadas precisaram ser canceladas ou suspensas, e a nossa atenção foi direcionada para a divulgação das ações solidárias, tão importantes neste momento. Criamos um grupo de WhatsApp envolvendo os membros da Sociedade, nos mesmos moldes do que já existia entre os Membros do Instituto AMI e do NIA (Núcleo da Infância e Adolescência), a fim de acolher as angústias e promover um espaço de livre pensar, fortalecendo, assim, os laços entre os colegas.

Tivemos que, rapidamente, encontrar alternativas tecnológicas a fim de dar continuidade às atividades e, em abril mesmo, retornamos à nova programação, agora *on-line*. Aguarde mais novidades, acompanhe as nossas redes sociais, visite o *site* e participe das atividades.

### Comissão de Divulgação

Aline Santos e Silva, Fabiana Britto Grass, Juliana Lang Lima e Nora Helena Steffen

## Poema Médico

Tentam cravar a doença  
numa lista de palavras  
estáveis e previsíveis  
tem coriza ou não tem  
tosse seca tosse poça  
dói a barriga no umbigo  
dói o peito mais do que ela

falta ou sobra de ar  
mas o doente não deixa  
adoece do seu jeito  
com expressão peculiar  
como um desenho um poema  
mapa buraco de chave  
em sua enorme vitória  
sobre a doença e a morte.



**Celso Gutfreind**

Membro Titular da SBPdePA

# A Epidemiologia e a COVID-19

## **Paulo C. Petry**

Mestre em Epidemiologia UFPel. Doutor em Epidemiologia UFRGS.  
Professor de Epidemiologia da UFRGS.



Entre os fatos que marcam definitivamente a História, estão as guerras, as revoluções e as epidemias. Neste momento, estamos vivendo algo inédito em nossos tempos, a pandemia de uma nova doença, a COVID-19, provocada pelo vírus Sars-cov-2, mundialmente conhecido como o novo coronavírus. No dia 31 de dezembro de 2019, a China informou à Organização Mundial da Saúde (OMS) que um vírus, até então desconhecido, estava se espalhando pelo país e, desde lá, ele já alcançou 187 países.

Com esta disseminação rápida e espantosa, a OMS foi obrigada a declarar, no dia 11 de março de 2020, que está em curso uma pandemia. Este termo é usado para descrever a situação em que uma doença infecciosa atinge grande número de pessoas ao redor do mundo simultaneamente.

Para compreendermos estes conceitos, precisamos conhecer alguns dos princípios da epidemiologia que é, essencialmente, uma disciplina populacional que se baseia nas ciências sociais para a compreensão da estrutura e das dinâmicas da sociedade, na matemática para noções estatísticas de probabilidade, inferência, e nas ciências biológicas para o conhecimento do substrato orgânico humano onde as manifestações observadas encontrarão expressão individual.

A epidemiologia que, como campo científico, floresceu na metade do século XIX e se consolidou no início do século seguinte, é utilizada como uma poderosa ferramenta científica na área da saúde, fornecendo bases racionais para o planejamento e implementação de programas preventivos e de promoção de saúde.

Mais do que nunca, nesta pandemia, precisaremos da epidemiologia, pois é imprescindível que se faça uma análise ampla e fundamentalmente científica do que está acontecendo no Brasil e no mundo. É preci-

so que sejam refutadas quaisquer comparações de mortalidade ou letalidade da COVID-19 com outras doenças como febre amarela, zica, dengue ou H1N1, entre outras.

A grande e decisiva importância das medidas de distanciamento social está na redução da velocidade de contaminação. Somente com um retardo na curva evolutiva de novos casos, poderemos nos preparar com maior eficácia, aumentando a quantidade de profissionais, leitos, equipamentos de proteção, estoques de medicamentos, etc.

Aliás, essas medidas deveriam fazer parte de políticas permanentes de saúde, mas, infelizmente, só agora muitos percebem a importância da valorização dos trabalhadores da saúde, do SUS e de como a falta de investimentos na pesquisa científica pode cobrar um preço tão elevado. É importante desacelerar o ritmo de contaminações, precisamos ter a noção de que estamos enfrentando um vírus que, até hoje, já contaminou mais de 3 milhões de pessoas, matando mais de 241 mil delas.

Convém ressaltar que estes são os números oficiais, certamente, subestimados. Assim, é imperioso evitar um colapso do sistema de saúde: precisamos evitar que o número de leitos e UTIs disponíveis não sejam suficientes para a demanda provocada pela doença.

Como corremos o risco de não oferecer tratamento adequado à população, é preciso cautela com as medidas de flexibilização. Ainda, é indispensável que façamos nossa parte, pois praticando o distanciamento social estaremos contribuindo para diminuir a velocidade de transmissão do vírus.

# Resenha do trabalho *O mundo superposto entre paciente e analista revisitado após alguns anos*, de Janine Puget e Leonardo Wender

**Ana Rosa Chait Trachtenberg**

Membro Titular, Fundador e Didata da SBPdePA



Ainda sob o forte impacto do ocorrido ontem (18/04/2020), durante uma reunião *on-line* promovida pela Comissão de Casal e Família da IPA com capacidade para 500 entradas, que lotou e deixou muitos colegas interessados de fora, sento-me a finalizar estas notas sobre o clássico trabalho de Janine Puget e Leonardo Wender, *Paciente e analista em mundos superpostos*. Difícil dissociar e produzir.

O referido texto tem duas versões. A original, escrita em 1982 por ocasião da cisão APA/APdeBA (ambas em Buenos Aires), alerta que tanto paciente como analista viviam realidades externas comuns a ambos que não encaixavam no eixo transferência/contratransferência nem pertenciam exclusivamente ao mundo pulsional intrapsíquico. Havia algo mais e, por exemplo, a curiosidade pelas informações trazidas pelo paciente merecia um lugar importante para reflexão contratransferencial, pois afasta o analista da função psicanalítica. O referido texto deu lugar ao Fenômeno dos Mundos Superpostos (FMS).

Algum tempo depois, Janine Puget volta ao texto, agora sem Leonardo Wender (ainda que ele conste como autor), falecido ante-

riormente. Chama-se *O mundo superposto entre paciente e analista revisitado após alguns anos*.

Janine Puget transformou-se, segundo suas próprias palavras, em "vincularista". Sua trajetória ao lado de Isidoro Berenstein criou uma "escola" rioplatense no estudo e difusão do Fenômeno Vincular, trabalhando com famílias, casais e grupos.

Em sua visita ao clássico de 1982, ela inclui alguns elementos da constante transformação de seu pensamento: o real nos invade, a assimetria tem que ser revista e "toda relação entre dois sujeitos tem que se considerar que um componente ao qual chamamos *ajenidad* (sem tradução para o português) é para sempre desconhecido e que a alteridade de cada um propõe uma escuta sustentada por um mal-entendido essencial".

Janine Puget, atualmente com 92 anos, é sempre surpreendente. Há aproximadamente duas semanas, já no mundo da pandemia e da quarentena, por ocasião de uma reunião científica *on-line* da APdeBA, com o tema Mundos Superpostos, Janine fala do momento de Acontecimento que estamos vivendo, enfatizando que o é desde a lógica vincular. Isto não é igual nem semelhante a nada

que já vivemos, nem haverá um retorno a um "normal". Desde a lógica do Um (provisoriamente esclareço que se trata da teoria clássica, pulsional) faltam-nos elementos para pensar o momento atual, que atravessa pacientes e analistas por igual. Estamos todos invadidos da mesma forma. A incerteza é diária e o futuro aleatório, diz Janine.

Aproveito para incluir nesta resenha a fala de Julio Moreno na atividade de ontem, citada ao início deste texto. Moreno fala de um momento disruptivo, um acontecimento não previsto, e enfatiza que, na dinâmica da globalização, se perdem todas as fronteiras, e que o medo ao contágio do outro atinge o vínculo transferencial.

Coloca-se como um falar no plural, como um *new arrival*, pessoa assombrada tanto quanto o paciente.

Sim, assombro – e qualquer palavra é insuficiente para descrever o sentimento de quem participou até o abrupto final da excelente videoconferência com Julio Moreno e Yolanda Gampel (Janine não pôde participar porque estava doente) cujo tema era "Psicanalistas pensando as famílias e casais em quarentena".

Momento mais do que disruptivo; cenas reais de pedofilia invadem a tela. Eu gostaria de poder refletir e compartilhar com vocês, mas não consigo. O horror ainda me acompanha.



# Inventar, pensar, criar. Como enfrentar a incerteza em tempos de pandemia?

**Astrid Ribeiro**

Membro Titular da SBPdePA e Diretora do CAP

Enfrentamos um momento inédito para a humanidade que envolve um risco à sobrevivência humana. E ele não escolhe país, raça ou classe social para ser o seu domicílio. Um tipo de inimigo oculto com quem armamos combate, ainda sem garantias de êxito. Sabe-se que uma das garantias mais eficazes é o isolamento. Estamos diante de um desafio que atinge o homem em seu maior bem, por ser um ser social por natureza e necessitar de liberdade. Isso nos coloca, como analistas, a questionar qual é o nosso papel nesta crise. Como utilizar nossa caixa de ferramentas clássica em situações como esta, quando estamos vivendo o mesmo contexto que nossos pacientes? Sabe-se que isso coloca obstáculos à nossa capacidade de observação. Estamos todos no mesmo barco que, por vezes, parece sem rumo. A incerteza do solo firme é, no momento, o maior fator de insegurança. Portanto, estamos diante de uma clínica em que a escuta das necessidades do eu, ligadas à sobrevivência, são preponderantes sobre a clínica em que trabalhamos. Em geral, nossa escuta dirige-se aos conflitos relativos ao desejo, nos quais a economia psíquica é claramente organizada sobre o domínio do princípio de prazer, para além da necessidade. Deparamo-nos, hoje com o nosso primitivo que brota e nos vemos sob o efeito da pulsão de morte, diante da ameaça do desaparecimento das diferenças. Sendo assim, o momento exige pensar para além do já conhecido, revisando a nossa caixa de ferramentas tradicional e nos detendo no seu instrumento maior, que é a nossa escuta empática do sofrimento do outro, no seu desamparo ante a incerteza e a desesperança. Isso nos exige pensar,

escutar e agir mais objetivamente dentro dos recursos que dispomos, como a tecnologia, até então tão questionada como instrumento psicanalítico de escuta e análise eficientes. Outro desafio é a escassez financeira: como trabalhar quando o paciente não pode pagar, justo quando ele mais precisa de nossa ajuda?

Assim, diante de tantos novos desafios, pensamos em ampliar nosso Serviço de Atendimento Psicanalítico (CAP) da SBPdePA, juntamente com a Diretoria da Comunidade, criando uma nova ação. Esse serviço de Atendimento Psicanalítico Solidário é gratuito e disponibilizado pelos analistas voluntários da Brasileira, no qual se oferece um atendimento de doze consultas gratuitas, ou mais, conforme a demanda do paciente e a combinação com o analista.

Prontamente tivemos uma grande procura por parte de pacientes, tanto de Porto Alegre como do interior do estado, e também de outros estados. A adesão de analistas de todas as categorias de membros de nossa Sociedade também proporcionou a formação de um grupo para discussão e trocas, bem como de ajuda nas situações dos casos que necessitam outras intervenções, como internação e/ou medicação. O retorno tem sido de gratificação neste tipo de atendimento, uma vez que se percebe que é possível levar a psicanálise para o extramuros, capturando e ajudando o outro a ter um novo recurso, que antes parecia tão inacessível. Estamos convictos que esses novos tempos possibilitaram novos conhecimentos e avanços em nossa técnica psicanalítica.

Gostaríamos de compartilhar alguns dados que já computamos, até este momento, sobre nosso Atendimento Solidário. Desde o seu lançamento, em 23 de março, tivemos:

- 202 solicitações de atendimento *on-line*;
- 19 pessoas em lista de espera;
- 59 analistas disponíveis para atendimento;
- 12 supervisores disponíveis para atendimento;
- total de analistas envolvidos em atendimento e supervisão: 71

# Diretoria de Relações com a Comunidade

## **Caroline Milman**

Membro Associado da SBPdePA e Diretora de Relações com a Comunidade



A Diretoria de Relações com a Comunidade iniciou sua gestão organizando uma comissão que integrasse todas as suas áreas componentes. Relações com a Comunidade, em nossa Sociedade, engloba os projetos sociais, eventos culturais, núcleo de estudantes, parcerias com cidades do interior, grupos de estudos dirigidos à comunidade, parcerias com instâncias da Brasileira como o CAP e o NIA, além da Diretoria Científica e da Diretoria de Divulgação. É fácil constatar, portanto, que Relações com a Comunidade é uma área de grande amplitude à nossa Sociedade tanto externa quanto interna. Foi constituída uma comissão de oito colegas, incluindo a diretora. Nosso ano de trabalho iniciou com uma familiarização de nosso “terreno” e com uma interação entre o grupo para que começássemos a formar uma identidade e um foco para nossa gestão baseados sempre na continuidade do importante trabalho dos que nos antecederam.

Enquanto íamos organizando o início dos trabalhos específicos por área, também começamos a trocar ideias sobre a que se refere um trabalho de relações com a comunidade, que relações e que comunidade. Não só o “que”, mas também o “como”. Observamos que um foco importante na nossa gestão poderia ser a “comunicação”. Como a psicanálise é comunicada. Buscamos ser compreendidos? Ficou bastante evidente que não só a nossa comissão sintonizava com o trabalho de integrar a psicanálise com a comunidade, mas observou-se que este vem sendo um movimento geral no meio psicanalítico de diversas regiões. Olhar para fora dos consultórios e contribuir mais efetivamente com a sociedade. Eis algo mais que um desejo uma necessidade.

Nosso ritmo e sistemática de trabalho foram atingidos, como todos, pela pandemia do coronavírus.

Como sabemos, um dos primeiros movimentos que nós, analistas, fizemos, em vários âmbitos, foi justamente voltar-nos ao atendimento clínico para a comunidade.

Creio que podemos dizer com segurança que nós, colegas, estamos compartilhando o mesmo sentimento de bem-estar em poder contribuir num momento tão crucial com aquilo que sabemos fazer melhor. Um dos resultados imediatos deste momento mundial tão impactante é o acirramento de um sentimento comunitário.

A Diretoria de Relações com a Comunidade, mais do que reorganizar sua agenda de atividades e eventos e seu formato de trabalho (presencial/*on-line*) em reuniões, cursos e grupos, certamente está convocada a processar e pensar em tudo o que está acontecendo, no mais forte ainda sentido de “comunidade” que surge neste momento tão difícil, mas potencialmente tão transformador.

Um acolhedor abraço a todos.

## **Comissão de Relações com a Comunidade**

Carmen Nogueira, Ester Litvin, Giuliana Chiapin, Helena Surreaux, Leia Klochner, Sandra Fagundes e Siana Pessin



# O tamanho da bronca

**Júlio Campos**

Membro Titular da SBPdePA

Toda situação traumática é causada por uma "indigestão" mental. Sempre se trata de um conjunto de acontecimentos que traz, na sua multideterminação, mais situações desconhecidas e violentas do que poderíamos metabolizar. São abalos que ameaçam sobremaneira a forma como a vida era vivida até aquele momento, causando pânico e uma diminuição acentuada de nossa esperança no futuro. Mas pode haver algo pior que isto? Parece que sim.

Como nos amplia Abel Fainstein, existem injúrias com um poder ainda maior de desorganização psíquica, as quais Moty Benyakar denominou disruptivas. Devido a suas peculiaridades, neste caso da COVID-19, o que entrevejo é algo desta magnitude por ser a soma, o acoplamento, a sobreposição de pelo menos três situações traumáticas, cada uma delas com poder de deixar-nos empantanados.

Começo pelo óbvio. Como responsável direto pela primeira situação traumática, temos o coronavírus e suas consequências morbosas, embora a sua virulência, se comparada com outras catástrofes semelhantes, tanto na sua capacidade de contágio como em sua potência para destruir aos organismos vivos

atacados, seja pequena. Para trazer uma comparação sucinta, a mais violenta pandemia historizada foi a peste negra do século XIV, que causou a morte de 250 milhões de pessoas, 1/3 da população da Terra de então. Depois, segue-a a gripe espanhola de 1920, com um número aterrador de 50 milhões de mortos, o que representava 5 % da população. Dizem os especialistas que por mais virulenta que imaginemos a COVID-19, sua força destrutiva não vai ser, sequer, perceptível. Parece que, nos últimos anos, já tivemos pelo menos uma dezena de epidemias piores, como a SARS de 2003 ou a gripe suína de 2009, primeira pandemia do século XXI.

Mas porque a COVID-19 causou pânico? Se o prefeito de Lisboa tem razão, a forma inusitada como se produziu o contágio e a disseminação estão na base das explicações. Este político, alarmado pelo fato de todo o país de Portugal ter 10 milhões de pessoas, denunciava que 7 milhões, entre parentes e turistas, visitaram a região de Wuhan para as celebrações do Ano-Novo Chinês. Sua indignação se deve ao fato de que esta imensa festa tenha se produzido ao arripio da proteção à saúde pública, pois o governo chinês já sabia da presença do

vírus. Esses viajantes, ao retornarem aos seus lugares de origem, teriam atuado como vetores, causando um contágio maciço, com violentos surtos localizados de enfermidade e números sempre superlativos, fugindo do controle das autoridades sanitárias locais. Produziram cenas semelhantes de muita tristeza, em especial na Itália, na Espanha, na França e nos EUA. Não foi o primeiro evento de globalização que tivemos no mundo, nem seu modelo de referência mais típico, mas foi, com certeza, o mais visível, o mais bombástico. Imagino que, a partir de agora, qualquer inculto cidadão terá sua representação mental de globalização. E será negativa.

A segunda situação traumática foi produzida pela aplicação do único remédio comprovado conhecido para as epidemias e pandemias, quando não se têm vacinas ou medicamentos químicos: o isolamento social. Todos os países do mundo recorreram a ele, em larga escala, com fortes consequências. Foi quando pudemos comprovar que nosso lado Anne Frank era pura literatura. As gerações ocidentais nascidas na segunda parte do século XX não haviam necessitado, nem por política, nem por ideologia, nem por guerra, nem por religião de imposições

a reclusões forçadas; não tínhamos a menor noção dos efeitos secundários desta ofensa à liberdade de ir e vir. E houve. Um grande e inevitável desajuste traumático dos nossos ritmos circadianos, com alteração no sono, na regulação alimentar, nos hábitos intestinais, etc. Somos seres gregários, mas não tanto. Edifícios já me parecem antinaturais. De inopino, coisas triviais que representavam soluções para o equilíbrio afetivo das famílias, como muitas horas de trabalho, reuniões prolongadas com amigos, *happy hours*, futebol, chás e churrascos deixaram de existir, evaporaram. Deixaram em seu lugar o pânico que pode sentir um claustrofóbico dentro de um elevador trancado.

Aqui entra a conjunção de fatos que configuram a terceira situação traumática, a que se sobrepôs ao vírus e ao isolamento social. Fomos arremessados, sem dó, através do portal da era digital. Absolutamente sem dó... mas não sem aviso. Teoricamente, já deveríamos estar todos avisados desde que Alvin Tofler, em 1980, publicou *A Terceira Onda*. Mas, excetuando os nativos digitais nossos contemporâneos com menos de 40 anos, todos nós outros (os imigrantes digitais) nos sentimos em alguma medida, aninformáticos. Por aninformático, quero significar analfabeto digital. Parafraseando Ortega y Gasset, Gutemberg diria que ser alfabetizado é compreender o livro e as suas circunstâncias, extensão verbal que vai da criança que soletra ao poeta mais refinado. E Steve Jobs replicaria o mesmo para o mundo digital. Embora, neste caso

específico da pandemia, nem o mais lúcido nativo digital estava preparado para a impressionante instantaneidade com que nos avassalaram as notícias da catástrofe. Montanhas de dados e toneladas de imagens lúgubres nos caíam em cima a cada segundo. Piazza de San Marcos vazia, só pombos; nossa querida Florença, sem uma alma. E a Broadway, o coração pulsante do mundo, completamente sem sangue. Horrível??? Sim! Muito horrível??? Muito, sim!!!

Mas horrível não é a única resposta possível. Especialmente se pensarmos que, em 1969, a Apollo 11 foi até a Lua com a capacidade informática embarcada de um mero telefone celular. E que foi essa evolução que propiciou tanto uma globalização com megadeslocamentos e uma atividade comercial sem precedentes na história da humanidade, como uma orquestração conjunta de respostas de todos os países do globo, fazendo frente às demandas do isolamento social imprescindível. E isto com uma agilidade em uníssono sem precedentes. Os governos dos países pareciam regidos por um invisível maestro. Essa agilidade foi chocante e, num primeiro momento, me traumatizou, é certo. Mas, insisto em dizer: as duas, a alta densidade de informação circulante e as cidades completamente vazias são parte do remédio e não da doença.

Se nos traumatiza por não estarmos acostumados a ver semelhante afinação, isso, aos poucos, tem cura. Os lugares com pessoas mais bem-criadas, com populações mais

determinadas e organizadas como a Coréia do Sul, o Japão, o Chile, Buenos Aires, Santa Catarina ou o Rio Grande do Sul sairão desta crise fortalecidos e não com suas economias em frangalhos, como parece que pode acontecer com Manaus, no Nordeste, em partes da Itália e da Espanha ou até com os EUA.

E quando, por fim, nossa mente se referir, dentro de algumas décadas, a este tão indelével momento, espero que possa evocar, como símbolo, um grande conjunto de empáticas vozes saindo, *à capela*, de inúmeras sacadas; verdadeiros raios de luz cruzando a escuridão. Representará a soma solidária de nossos espaços psíquicos individuais transformados em um mais forte espaço virtual, mais um escudo para lutarmos contra a pobreza, a ignorância, a corrupção e a ignomínia.

# Notícias do Instituto

## **Silvia Skowronsky**

Membro Titular da SBPdePA e Diretora do Instituto da SBPdePA



O Instituto da SBPdePA, iniciando os trabalhos em 2020, programou a Atividade Inaugural para 14 de março, uma conferência com Luiz Carlos Menezes: A construção do ideal do eu. Caminhos e descaminhos. Pensar ou Obedecer.

Em continuação, a Discussão Clínica com apresentação de Sandra Fagundes, encerrando com almoço de boas-vindas organizado pela AMI aos novos membros do Instituto.

Contrariados, adiamos a programação, pois um invisível vírus desconhecido ameaça a vida no mundo inteiro. Desconcerto e perplexidade geral, lembramos Albert Camus que, em 1947, descreveu *A peste*:

*Nossa felicidade está para sempre ameaçada, pois o bacilo da peste não morre nem desaparece, pode ficar dormente por anos e anos em móveis e roupas aguardando sua hora em quartos, em porões, em baús, em lenços e em pedaços de papel. E virá o dia em que... para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordará seus ratos e os mandará para morrerem numa cidade feliz.*

A impotência faz parte da experiência de estar vivo. Perspectiva da dialética entre potências e impotências! *A posteriori*, saberemos mais. Frente ao inevitável, pensar o mal-estar e a aflição é o caminho para enfrentar a incerteza com a impotência, e garantia para se encontrar potências num emaranhado inquietante.

O extraordinário e o ordinário compõem o viver! Mas qual a diferença? Será o cotidiano um simples encanto

que alegra a vida? Agora uma ilusão?

Há vinte cinco séculos, Heráclito lembrava que não é possível banhar-se duas vezes na mesma água, ainda que no mesmo rio. Ensinava que tudo flui. Inquietante ideia sobre o eterno movimento. O velho e o novo. O igual e o diferente. O conhecido e o estranho. A memória, o retorno e a repetição.

A Psicanálise descobriu o valor do movimento de repetir até elaborar. O Modelo do Traumático com a angústia registra os efeitos de um impensável ou um nunca pensado. Elaborar significa transformar a angústia extrema em experiência pensável, regulando a angústia para a função de sinal. Protetor a-viso para antecipar perigos e ameaças. Abre o tempo para reflexão, para encontrar um novo!

A frase famosa de Saint-Exupéry, "O essencial é invisível aos olhos", é uma bela metáfora sobre o valor do Modelo de Inconsciente na Psicanálise. Atualmente, com o coronavírus, chamado de COVID-19, um invisível vírus que desencadeia uma pandemia, verdadeira ameaça mundial, o valor do invisível tem nova formulação: a ameaça à vida é um invisível aos olhos, o essencial é o isolamento social.

Assim que, prudentes, nos recolhemos ao isolamento para sobreviver aos desafios de problemática desconhecida. Ainda temos o trabalho de encontrar figurabilidade para as ameaças concretas em jogo, tais

como perder a vida, a conexão com os amigos, a família, ocupação e interesses suspensos pelo isolamento.

O momento crítico atual desafia a criatividade com a incerteza sobre o que virá, das novas questões relacionadas ao contexto específico da pandemia de COVID-19, que impõe o isolamento e a implementação da experiência *on-line*. Assim, surge a possibilidade de realizar os seminários do Instituto, previstos para iniciar em março, com recursos *on-line*.

Dentre os 21 seminários oferecidos inicialmente pelo Instituto, no primeiro semestre de 2020, 17 estão sendo realizados *on-line*, contabilizando 81% dos seminários. Das 51 inscrições em seminários presenciais, temos 45 inscrições *on-line*, configurando 88% das inscrições. A plataforma usada tem sido preferencialmente a Hangouts, em 15 seminários, mas o Zoom com senha também é utilizado em dois seminários. Podemos considerar que ocorreu uma adesão ampla dos membros aos recursos possíveis para enfrentamento deste período. Poucos seminários não ocorreram devido a fatores específicos impeditivos como, por exemplo, o formato do seminário não adaptar-se à experiência *on-line*. Para os inscritos nestes seminários, foi disponibilizada a troca por outros, tendo sido efetuada esta troca na maioria dos casos.

O Instituto da SBPdePA insiste em zelar para manter a Brasileira viva, com as portas abertas para o futuro.

# O futuro já não é como era antes



**Thércio Andreatta Brasil**  
Presidente da AMI

Uma certeza: o futuro chegou. E junto dele, não memórias de ansiedades primitivas... Essa viagem no tempo é bastante conhecida, também atende por transferência. Insignia da psicanálise.

Porém, em que volta da espiral do tempo estamos agora? Muito próximos de segunda-feira da semana passada, mesma quarentena, mesmo aposento, notícias de contaminados, curados e mortos. Quedas no PIB, lavagem das mãos, álcool em gel, máscara para ir ao supermercado. Skype é melhor que Hangouts. Prefiro Zoom, quem sabe WhatsApp? Tudo como há um século, sem novidades. "Atracou um cruzeiro e não havia vigilância sanitária". "Para evitar contágio com a gripe espanhola, favor manter distância e realizar gargarejo com água, vinagre e sal três vezes ao dia, além de se informar por fontes oficiais."

Como estão "se virando" os analistas, os analistas com funções didáticas, os membros em formação, com celulares, computadores, *tablets*? Para cada um é diferente. Certo que aos mais experientes, o tempo corre mais depressa e é tudo muito novo. Difere a percepção da passagem do tempo em quem tem 30 de quem tem 70 anos. É a Lei de Weber: ainda que um ano tenha a mesma duração para todos, a relação entre a duração de um ano com o tempo total de vida fica cada vez menor. Daí os anos correrem mais depressa para os mais velhos. Para um recém-nascido ontem, um dia é uma vida toda.

Apesar de casos pontuais em que isso já aconteceu, talvez sejamos a primeira geração em que todos os membros em formação estejam se analisando e analisando pacientes por algum método a distância. É um **acontecimento** inédito, uma **catástrofe** (do grego *katastrophe* – prefixo *kata*, para baixo; radical *strophein*, virar: 'reviravolta em expectativas'). Nas palavras de Ignacio Lewkowicz (2003): "Evento entendido como a ruptura no campo do saber de uma situação, da qual surge uma verdade não considerada anteriormente por essa situação, suplementando-a".

Essa rachadura no tempo-espaço será acolhida, ou rechaçada, de modo distinto por cada sujeito presente no acontecimento. Esse saber se dará pela maneira como conseguiremos simbolizar, representar situações. Como toda simbolização é sempre insuficiente – devido ao fato de que nem tudo pode ser dito, efeito da própria incompletude da linguagem – nosso saber também o será. O evento, em sua relação humana, não ocorre por si só, solto no espaço, é necessário um sujeito que o testemunhe. De modo que, quanto maior a capacidade do sujeito de tolerar as incertezas, maior e mais rica sua **subjetividade** (Janine Puget, 2020).

É disso que se trata a perseverança em se manter seminários, análises, supervisões. Mesmo a distância. Como representante dos Membros do Instituto, venho a esse jornal expressar nossa gratidão aos coordenadores de seminários, analistas, supervisores, colegas de formação e funcionários da SBPdePA que não medem esforços em se apropriar das tecnologias, flexibilizar horários, honorários, espaços de trabalho e, sobretudo, criar novas linguagens, como fazem os poetas. Já dizia Décio Pignatari (2011): "Um poeta não faz uso da linguagem, ele *faz* linguagem".



Diretoria da AMI: Carmen Prado Nogueira (Vice-Presidente), Camila de Araújo Reinert (Tesoureira) e Luciana Zamboni Buseti (Secretária)



# A reinvenção da casa

## ***Núcleo de Infância e Adolescência (NIA)***

*“Logicamente, é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas, e quando a casa se complica um pouco, quando tem um porão e um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais caracterizados. A eles regressamos durante toda a vida, em nossos devaneios. Neste teatro do passado que é memória, o cenário mantém as personagens em seu papel dominante. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço.” (Gaston Bachelard, A Poética do Espaço)*

Frente à pandemia e cercados de incertezas, medos e angústia, o que estamos observando nas crianças, adolescentes e pais que acompanhamos é a necessidade de se reinventar. E nós junto com eles. O desafio de construir, dentro deste campo literalmente virtual, um espaço de cuidado com empatia, afeto e esperança impõe-se de maneira inédita.

Neste processo de reinvenção, de descoberta de capacidades que estavam escondidas, de adaptação ao novo, deparamo-nos com uma variedade de manifestações. Alguns com mais dificuldade, outros que aparentemente passam por essa travessia sem grandes tropeços. Num primeiro momento, tudo parecendo mais difícil para, aos poucos, ir pegando o compasso. A criação do espaço analítico virtual, assim como a casa concreta, passa por um processo de apropriação. “A casa” pode representar, para o inconsciente, o corpo materno ou até mesmo o próprio corpo, como nos diz Vida Prego. Seu cuidado, a limpeza e a exploração de seus recantos podem nos fazer sentir ligados e protegidos ou, pelo contrário, podemos senti-la como uma prisão cheia de perigos de onde desejamos escapar.

A casa, nesse momento de pandemia, fechou-se para o mundo externo e, ao mesmo tempo, abriu-se para tantas outras potencialidades. Cabe a cada um ou a cada grupo, o trabalho psíquico de apropriação e de dar vazão ao criativo. Acompanhando nossos pacientes e suas famílias, percebemos que muitos de nossos pequenos pacientes se encontram tranquilos e contentes, usufruindo desse momento longo de proximidade com os pais e de desaceleração do ritmo de toda a família;

os adolescentes estão conseguindo criar modos de manter seu mundo com os amigos deixando os pais de fora; e estes por sua vez, apesar de angustiados e sobrecarregados, vêm tentando conduzir a situação da melhor forma possível.

Observamos que a casa se porta como uma caixa amplificadora dos conflitos anteriores, tanto os internos quanto aqueles entre os familiares. Pais que tinham um bom relacionamento entre si e com os filhos têm conseguindo manter um melhor nível de adaptação e harmonia em relação aos que anteriormente já eram disfuncionais. Esta questão se torna sombria quando pensamos na quantidade de pessoas que moram com abusadores e estão, neste momento tão difícil por si só, reféns de pessoas já violentas e/ou perversas em dias “normais”, sem o estresse extra que a quarentena traz.

A casa se fechou, mas sabemos que é por um tempo limitado necessário para cuidarmos uns dos outros e logo estarmos ocupando novamente outros espaços. Quem sabe até mais sábios e, com certeza, mais experientes.

**Equipe NIA:** Adriana Ampezzan, Aline Pinto da Silva, Aline Santos e Silva, Heloísa Zimmermann, Kellen Gurgel Anchieta e Marlise Albuquerque

## AS SÁBIAS PALAVRAS DO NOSSO MESTRE FREUD ESTÃO MUITO OPORTUNAS E ATUAIS PARA O MOMENTO EM QUE VIVEMOS.

Foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, a qual também, entre outras coisas, se destina a tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão da civilização, sua *raison d'être* real, é nos defender contra a natureza.

Todos sabemos que, de diversas maneiras, a civilização já faz isso bastante bem, e é claro que, na medida em que o tempo passa, o fará muito melhor. Ninguém, no entanto, alimenta a ilusão de que a natureza já foi vencida, e poucos se atrevem a ter esperanças de que um dia ela se submeta inteiramente ao homem. Há os elementos, que parecem escarnecer de qualquer controle humano; a terra, que treme, se escancara e sepulta toda a vida humana e suas obras; a água, que inunda e afoga tudo num torvelinho; as tempestades, que arrastam tudo o que se lhes antepõe; as doenças, que só recentemente identificamos como sendo ataques oriundos de outros organismos, e, finalmente, o penoso enigma da morte, contra o qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será. É com essas forças que a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização. Uma das poucas impressões gratificantes e exaltantes que a humanidade pode oferecer, ocorre quando, em face de uma catástrofe elemental, esquece as discordâncias de sua civilização, todas as suas dificuldades e animosidades internas, e se lembra da grande tarefa comum de se preservar contra o poder superior da natureza.

